

## *Juventude e Violência: urgência por um caminho de paz*

**Carlos Eduardo Cardozo<sup>1</sup>**  
cadunew@yahoo.com.br

A **Campanha da Fraternidade 2018** no Brasil terá como tema **“Fraternidade e a Superação da Violência”**, e como lema “Em Cristo todos somos irmãos (Mt 23, 8)”.



A violência é, seguramente, o problema que mais aflige e preocupa a sociedade brasileira nos dias atuais. Ela medievaliza as relações humanas, deixa a sociedade aterrorizada e gera uma sensação de impotência diante do crime. Nos últimos tempos, tornou-se premente a missão de discutir e implantar ações capazes de enfrentar esse fenômeno. Infelizmente, nesse cenário de medo e insegurança sempre surgem teses arriscadas e precipitadas, como a que joga toda a culpa da escalada da violência em cima da juventude.

A violência hoje faz parte da via cotidiana, ela está no trânsito, nas casas, nas ruas, nas escolas, no tráfico de drogas, no Estado, nas relações de gênero e de poder, nas instituições (policiais, judiciárias, hospitalares, educacionais e outras). Por estes motivos a violência não é um problema específico da juventude.

No entanto, as estatísticas mostram que a violência se transformou em uma das principais causas de morte de jovens. De acordo com o Unicef, 16 crianças e adolescentes brasileiros morrem por dia, em média, vítimas de homicídios. E as pessoas com idades entre 15 e 18 anos representam 86,35% dessas vítimas. Enquanto a taxa de mortalidade por homicídios de adolescentes está em torno de 35 por 100 mil habitantes, a da população em geral encontra-se em 27 por 100 mil segundo dados do Datasus. Por outro lado, de acordo com o Ilnud (Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente), o percentual de jovens com idade inferior a 18 anos que comete atos infracionais é de menos de 1% da população total nessa faixa etária. No universo de crimes praticados no Brasil, os delitos cometidos por adolescentes não chegam a 10%.

Uma questão que envolve uma parcela tão significativa da população exige a consideração das formas de atenção a essa juventude que está sendo morta, que não é foco de cuidado e que é, não raras vezes, responsabilizada pela própria situação e condição. Além disso, esses jovens que estão sendo "exterminados" tem cor, sexo, situação social e localização definidos, revelando uma das faces da dinâmica de desigualdade e injustiças sociais no Brasil.

Considerando que a população jovem no Brasil gira em torno de 33 milhões de indivíduos, ou seja, quase 20% da população brasileira (IBGE, 2010), e que desses, 53% vivem em famílias com renda per capita entre meio e dois salários mínimos, e 30,6%, até meio salário mínimo, fica evidenciada a dimensão social desse problema. Embora não seja possível estabelecer conexões mecânicas, o alto índice de jovens pobres envolvidos em episódios de violência revela a existência de um elo entre a violência e a pobreza.

---

<sup>1</sup> Carlos Eduardo Cardozo (Cadu) é Especialista em Juventude. Trabalha na Equipe Diretiva do Colégio Stella Maris, da Rede Filhas de Jesus, no Rio de Janeiro. Integra o GT de Pastoral e ERE da ANEC-RIO. É autor do livro “Jovens construindo juventudes”, dentre outros artigos na área dos estudos de juventude.

Diante da complexidade da questão, é indispensável o investimento não somente em políticas sociais, mas também em pesquisas e intervenções, para que se possa construir instrumentos e projetos capazes de fornecer subsídios para uma atuação contextualizada e compromissada com os direitos humanos, a promoção da cidadania e do protagonismo, no combate à desigualdade social em busca de uma cultura de paz.

A construção da paz começa a partir de uma atitude pessoal que pode se refletir depois em diversos campos da vida, no meio ambiente, na sociedade, na saúde coletiva entre outros. Essa discussão se fortalece a partir da crescente visão da interdependência global e da responsabilidade universal pela construção de um novo mundo e coloca este tema como uma das principais ações educativas, que promovem fontes efetivas de paz no mundo.

Conforme a visão transformadora de Pierre Weil, a arte de viver em paz pode ser expressa em três planos:

**1. No homem:** refere-se à ecologia interior ou à arte de viver em paz consigo mesmo. Simultânea ou sucessivamente, corpo, coração e espírito encontrarão seu estado de equilíbrio.

**2. Na sociedade:** refere-se à ecologia social ou à arte de viver em paz com os outros. Basicamente, afeta os domínios da economia, da vida social e política e da cultura.

**3. Na natureza:** refere-se à ecologia planetária ou à arte de viver em paz com a natureza. Tem como objetivo a paz com o meio ambiente.

A proposta da cultura de paz busca alternativas e soluções para estas questões que afligem a humanidade como um todo, não se foca na questão da violência, mas na paz como um estado social de dignidade onde tudo possa ser preservado e respeitado. Estes pontos são um dos grandes desafios da construção de uma cultura de paz. É preciso assumir uma nova lógica de relações onde o primado cristão, de que “todos somos irmãos” deve ser um imperativo categórico para uma nova civilização, base para a construção da civilização do amor.

*“Eu encorajo a você a permanecer fiel à inspiração e a 'sair' para a humanidade ferida e descartada, com escolhas evangélicas eficazes, nascidas da capacidade de olhar o mundo com os olhos de Cristo.”*

*Papa Francisco*

**Questões para trabalho em grupo:**

- ✓ Quais ações o grupo está fazendo para construir a paz e diminuir as desigualdades?
- ✓ Que práticas pode-se divulgar na linha da construção da paz em minha comunidade?
- ✓ Que projetos podemos elaborar com a juventude a fim de colaborar na construção do seu Projeto de Vida?